RELATÓRIO FINAL

CLASSIFICAÇÃO DA CASA JOÃO DE SOUZA MACIEL – CASA JOSÉ DA SILVA TORRES, EM MATOSINHOS, COMO MONUMENTO DE INTERESSE MUNICIPAL.

1. DECISÃO DE ABERTURA DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO

1.1. A Câmara Municipal, por proposta da Comissão do Património Arquitetónico e Histórico, e na sequência do trabalho por esta desenvolvido, decidiu a abertura do procedimento de classificação da Casa João de Souza Maciel – Casa José da Silva Torres, em Matosinhos, como monumento de interesse municipal, por deliberação de Câmara de 27 de dezembro de 2024.

1.2. Após esta decisão, foram efetuadas as seguintes diligências:

1.2.1. Comunicação à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte – Unidade de Cultura (Saída/**2025**/695) e, através desta, ao Património Cultural I.P., nos termos do artigo 61.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, saída datada de 25 de fevereiro de 2025 e enviado por correio e rececionado pela primeira entidade em 28 de fevereiro de 2025.

1.2.2. Foi notificada a proprietária do imóvel, Maria José Vieira Neves da Silva Torres (Saída/2025/694), notificação datada de 28 de fevereiro de 2025.

1.2.3. Foi efetuada a publicação no Diário da República, 2.ª série, n.º 25, de 5 de fevereiro de 2025, pelo Anúncio n.º 31/2025.

1.2.4. Foi comunicado à Junta da União das Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, por ofício (Saída/2025/696) e entregue em mão em 27 de fevereiro de 2025, para divulgação nas suas instalações.

1.2.5. Foi efetuada a divulgação nos locais de estilo e na página eletrónica da Câmara Municipal através do Edital n.º 36/2025, de 7 de fevereiro de 2025.

1.3. Tendo a Câmara Municipal comunicado a decisão de abertura do procedimento de classificação à Comissão de Coordenação e **D**esenvolvimento Regional do Norte – Unidade de Cultura e ao Património Cultural I.P., nos termos do artigo 61.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, não se tendo ainda pronunciado o Património Cultural I.P., e tendo sido excedido o prazo de 30 dias de que dispõe, considera-se o seu silêncio como parecer favorável.

2. APROVAÇÃO DO PROJETO DE DECISÃO DE CLASSIFICAÇÃO

Em reunião ordinária realizada em 4 de março de 2026, a Câmara Municipal deliberou apropriar a informação dos serviços, no sentido da aprovação do projeto de decisão de classificação da Casa João de Souza Maciel – Casa José da Silva Torres, em Matosinhos, como monumento de interesse municipal. Na sequência da aprovação do projeto de decisão de classificação pela Câmara Municipal, procedeu-se à **p**ublicação e **n**otificação dessa decisão.

2.1. PUBLICAÇÃO

Foi elaborado o Edital n.º 111/2026, de 9 de abril de 2026, publicado na página eletrónica da Câmara Municipal, juntamente com os elementos relevantes do processo, para consulta, tal como nos locais de estilo – Instalações da Câmara Municipal e Junta de Freguesia de Matosinhos, para pronúncia dos interessados no prazo de 30 dias, nos termos do artigo 26.º do Decreto-Lei n.º 309/2009 de 23 de outubro.

Foi publicitado no Diário da República, 2.ª série, n.º 68, de 8 de abril de 2026, pelo Anúncio n.º 78/2026.

2.2. NOTIFICAÇÃO

Foi notificada a proprietária do imóvel, Maria José Vieira Neves da Silva Torres nos termos do artigo 25.º do Decreto-Lei n.º 309/ 2009, de 23 de outubro, com enquadramento no nº 1 e no n.º 2 do artigo 57.º do mesmo diploma, e de acordo o Código do Procedimento Administrativo através da Saída/2026/1421, notificação datada de 13 de abril de 2026.

2.3. INFORMAÇÃO

Decorrido o prazo de audiência dos interessados, contado a partir da notificação da proprietária no dia 16 de abril de 2026, pelo período de 30 dias, cujo término ocorreu no dia 2 de junho de 2026, verifica-se que não foram registadas quaisquer exposições na sequência dos atos de publicação e notificação efetuados.

A Câmara Municipal comunicou a decisão de abertura do procedimento de classificação à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte – Unidade de **C**ultura (Saída/202**5**/695) e, através desta, ao Património Cultural I.P., nos termos do artigo 61.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, saída datada de 25 de fevereiro de 20**2**5 e enviado por correio e rececionado pela primeira entidade em 28 de fevereiro de 2025. Não se tendo o Património Cultural I.P. se pronunciado e tendo sido excedido o prazo de 30 dias de que dispunha, considerou-se o seu silêncio como parecer favorável.

3. DECISÃO FINAL DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO

A Comissão do Património Arquitetónico e Histórico propõe que o imóvel designado por Casa João de Souza Maciel – Casa José da Silva Torres, em Matosinhos, seja classificado como monumento de interesse municipal.

A decisão final do procedimento de classificação cabe à Câmara Municipal, conforme determinado no Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, artigo 57.º e n.º 6 do artigo 15.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro.

Seguir-se-á a esta decisão a **p**ublicação no Diário da República e na página eletrónica da Câmara Municipal, a **n**otificação da proprietária do imóvel, por meio daquela publicação e a **c**omunicação à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte – Unidade de Cultura.

4. TEXTO EXPOSITIVO FINAL

4.1. IDENTIFICAÇÃO DO BEM.

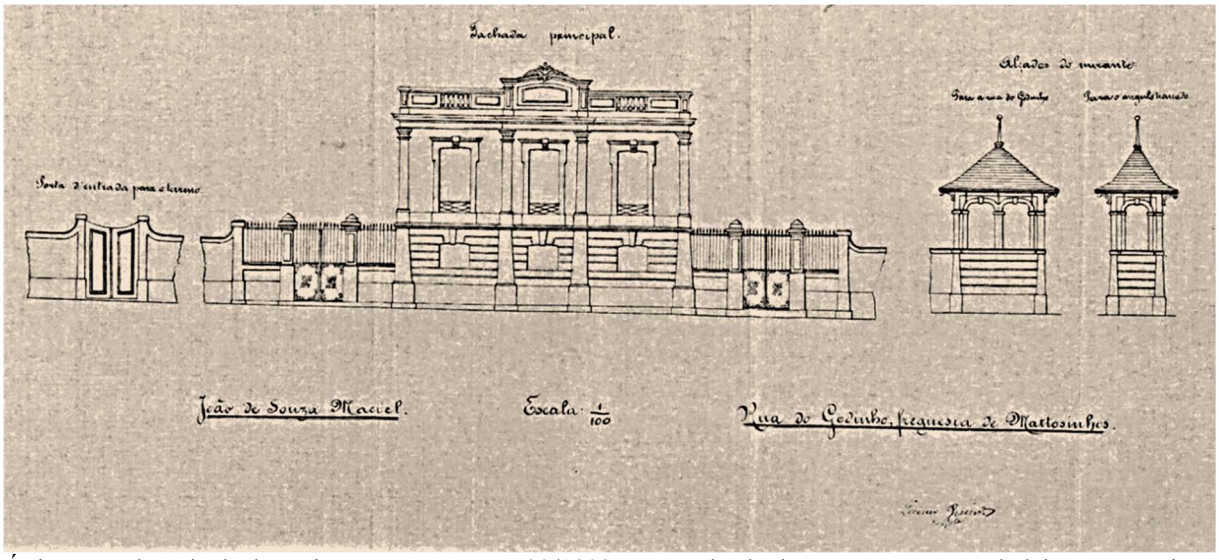
Designação: Casa João de Souza Maciel – Casa José da Silva Torres

Localização: Rua do Godinho, n.º 794, e Rua do Conde do Alto Mearim, Matosinhos.

Proprietários: Maria José Vieira Neves da Silva Torres e Outros

Categoria: Monumento.

Graduação do interesse cultural: Interesse municipal.



Única peça desenhada de projeto no processo n.º 23/1902, com o alçado da casa, muros que a ladeiam e respetivos portões e gradeamentos, voltados à Rua do Godinho, bem como o "mirante" no gaveto com a Rua do Conde do Alto Mearim.

4.2. ENQUADRAMENTO

A casa foi mandada construir por João de Souza Maciel em 1902, tendo para tal apresentado o respetivo projeto para aprovação pela Câmara Municipal, o qual veio a constituir o Processo n.º 23/1902. São parcos os elementos que constituem esse processo - uma folha, com requerimento assinado por João de Souza Maciel; uma outra folha, com informação sobre o pedido; e, uma terceira folha, que constitui a única peça desenhada de projeto existente no processo - esta última, assinada por Licínio Guimarães (1). Desta peça desenhada constam o alçado da casa, com os muros que a ladeiam e respetivos portões e gradeamentos, voltados à Rua do Godinho, bem como o "mirante" localizado no gaveto dessa rua com a Rua do Conde do Alto Mearim.

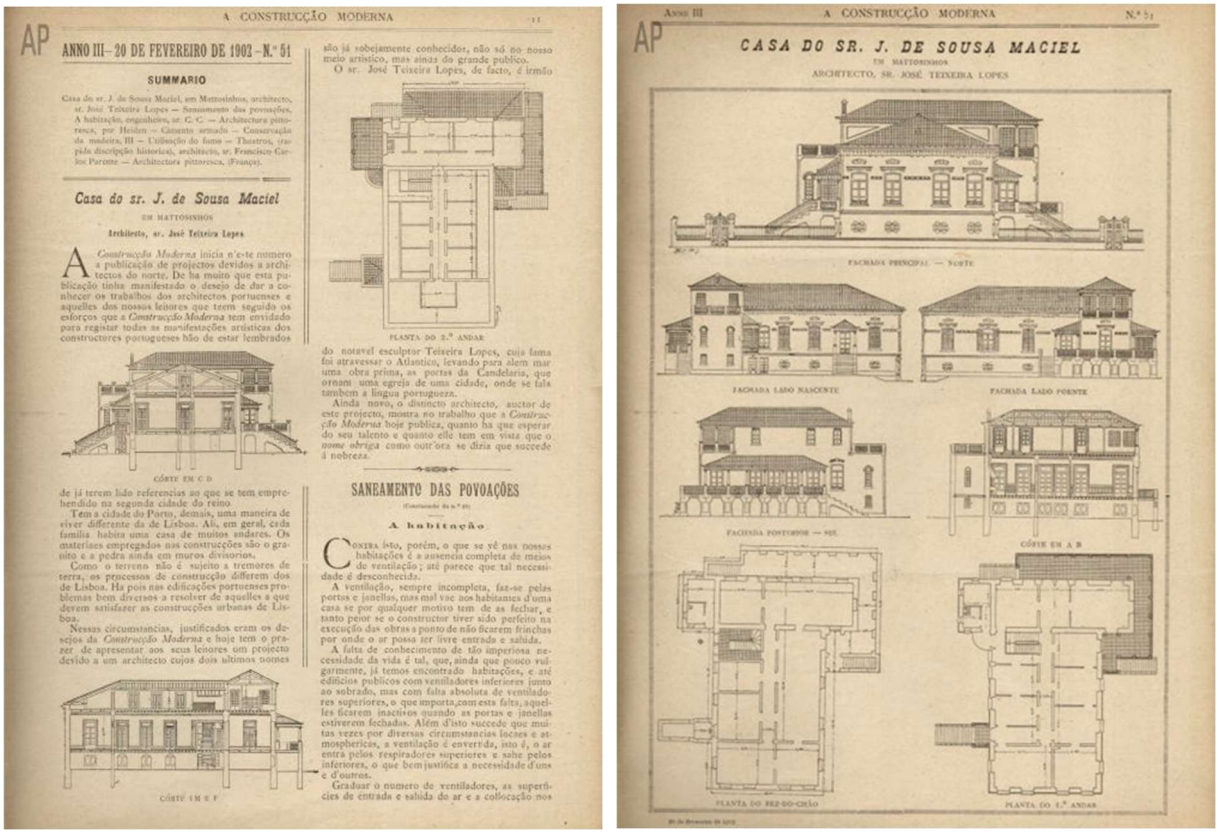
Em 1941, José da Silva Torres, um importante industrial de Matosinhos, adquire a casa para residência da sua família, tendo procedido a obras de remodelação no seu interior e à construção de uma nova garagem e de anexos. Este conjunto de obras foi projetado pelo Arquiteto Luís Amoroso Lopes (1913-1995). As áreas exteriores de jardim e horta foram também objeto de remodelação.

4.3. SOBRE O IMÓVEL

Conceção

João de Souza Maciel encomendou o projeto para esta sua casa em Matosinhos ao Arquiteto José Joaquim Teixeira Lopes Júnior (1872–1919). O projeto foi objeto de publicação numa revista da época "A Construção Moderna", em 20 de fevereiro de 1902 – n.º 51. A linguagem arquitetónica manifestada é reveladora da procura da reconstituição da "Casa Portuguesa", muito presente na produção arquitetónica da época, que marca, a título de exemplo, as construções escolares de Adães Bermudes e que é continuada na vasta produção arquitetónica de Raul Lino.

O projeto do Arquiteto José Teixeira Lopes não foi implementado tal como concebido, sendo o edifício que acabou por ser construído muito mais contido em termos volumétricos e, também, menos sumptuoso. A expressão arquitetónica do projeto que foi elaborado, porque mais erudita, era mais inovadora e não continha elementos acrescentados como parece ser o duplo alpendre, em estrutura de ferro, que é apenso ao edifício na fachada de tardoz. No projeto original estes elementos eram parte integrante do edifício. A casa construída equipara-se a um palacete de feição neoclássica, com um vocabulário próprio de muitas das Casas de Brasileiro do final do século XIX, espalhadas pelo norte e centro do País.


A CONSTRUCÇÃO MODERNA

AP

ANNO III—20 DE FEVEREIRO DE 1902—N.º 51

SUMMARIO

Casa do sr. J. de Sousa Maciel

EM MATTOSINHOS

Architecto, sr. José Teixeira Lopes

A Construcção Moderna inicia n'este numero a publicação de projectos devidos a architectos do norte. De ha muito que esta publicação tinha manifestado o desejo de dar a conhecer os trabalhos dos architectos portuenses e aquelles dos nossos leitores que teem seguido os esforços que a Construcção Moderna tem envidado para registar todas as manifestações artisticas dos constructores portugueses hão de estar lembrados

CÔRTE EM C D

de já terem lido referencias ao que se tem emprehendido na segunda cidade do reino.

Tem a cidade do Porto, demais, uma maneira de viver differente da de Lisboa. Ali, em geral, cada familia habita uma casa de muitos andares. Os materiaes empregados nas construcções são o granito e a pedra ainda em muros divinorios.

Como o terreno não é sujeito a tremores de terra, os processos de construcção differem dos de Lisboa. Ha pois nas edificações portuenses problemas bem diversos a resolver de aquelles a que devem satisfazer as construcções urbanas de Lisboa.

Nessas circumstancias, justificados eram os desejos da Construcção Moderna e hoje tem o prazer de apresentar aos seus leitores um projecto devido a um architecto cujos dois ultimos nomes

CÔRTE EM E F

são já sobejamente conhecidos, não só no nosso meio artistico, mas ainda do grande publico.

O sr. José Teixeira Lopes, de facto, é irmão

PLANTA DO 2.º ANDAR

do notavel esculptor Teixeira Lopes, cuja fama foi atravessar o Atlantico, levando para alem mar uma obra prima, as portas da Candelaria, que ornam uma egreja de uma cidade, onde se falla tambem a lingua portugueza.

Ainda novo, o distincto architecto, auctor do este projecto, mostra no trabalho que a Construcção Moderna hoje publica, quanto ha que esperar do seu talento e quanto elle tem em vista que o nome obriga como outr'ora se dizia que succede á nobreza.

SANEAMENTO DAS POVOAÇÕES

A habitação

Contra isto, porém, o que se vê nas nossas habitações é a ausencia completa de meios de ventilação; até parece que tal necessidade é desconhecida.

A ventilação, sempre incompleta, faz-se pelas portas e janellas, mas mal vae aos habitantes d'uma casa se por qualquer motivo tem de as fechar, e tanto peior se o constructor tiver sido perfeito na execução das obras a ponto de não ficarem frinchas por onde o ar possa ter livre entrado e sahida.

A falta de conhecimento de tão imperiosa necessidade da vida é tal, que, ainda que pouco vulgarmente, já temos encontrado habitações, e até edificios publicos com ventiladores inferiores junto ao sobrado, mas com falta absoluta de ventiladores superiores, o que importa, com esta falta, aquelles ficarem inactivos quando as portas e janellas estiverem fechados. Além d'isto succede que muitas vezes por diversas circumstancias locaes e atmospherica, a ventilação é envertida, isto é, o ar entra pelos respiradores superiores e sahe pelos inferiores, o que bem justifica a necessidade d'uns e d'outros.

Graduar o numero de ventiladores, as superficies de entrada e sahida do ar e a collocação nos

Anno III A CONSTRUCÇÃO MODERNA N.º 51

AP

CASA DO SR. J. DE SOUSA MACIEL

EM MATTOSINHOS

ARCHITECTO, SR. JOSÉ TEIXEIRA LOPES

FACHADA PRINCIPAL — NORTE

FACHADA LADO NASCENTE

FACHADA LADO POENTE

FACHADA POSTERIOR — SUL

CÔRTE EM A B

PLANTA DO REZ-DO-CHÃO

PLANTA DO 1.º ANDAR

Páginas da revista da época "A Construção Moderna", de 20 de fevereiro de 1902 – n.º 51, referentes ao projeto do Arquiteto José Teixeira Lopes, para a casa de João de Souza Maciel.

A casa construída não se afasta muito da articulação espacial e das soluções funcionais do projeto de José Teixeira Lopes (2). A compartimentação interior é muito semelhante a esse projeto, assim como a opção de incluir um alpendre duplo na área posterior da casa, embora no projeto fosse encerrado ao nível do piso nobre e se voltasse a sul e a poente. O alpendre duplo que foi executado é aberto nos seus dois pisos, constituindo um elemento simétrico e centrado com a fachada posterior. É de notar que a varanda coberta do piso nobre, no seu topo poente, possui um prolongamento para norte, permitindo a abertura de uma porta de ligação da casa ao exterior, que viabiliza uma circulação alternativa, evitando a perturbação no usufruto da varanda posterior.



Fachada Poente



Fachada Sul

Descrição do palacete

A PROPRIEDADE

A propriedade ocupa uma área de 3 350 m2, implantando-se a casa à face da Rua do Godinho. A imponência do edifício como palacete é diluída no lado nascente da rua, devido às características do cadastro, composto por uma série de lotes vizinhos com casas alinhadas com a fachada do palacete, demasiado próximas deste. Este apagamento da casa na rua, a nascente, é reparado com toda a área livre de jardim, que se estende para poente, cercada por um muro alto contínuo, encimado por um gradeamento em ferro forjado, que se desenvolve ao longo da Rua do Godinho, fletindo depois para a Rua do Conde de Alto Mearim, estendendo-se ao longo desta até ao limite da propriedade a sul. No encontro das duas extensões do muro de vedação – ao longo da Rua do Godinho e ao longo da Rua do Conde de Alto Mearim – foi construído um mirante de planta trapezoidal, com face para os dois arruamentos, com uma superfície chanfrada, na esquina, com uma cobertura em telha, com cinco águas, correspondentes às cinco faces do volume do mirante.

A casa é ladeada a nascente e a poente por áreas ajardinadas. A nascente da casa estamos em presença de um pátio de receção, ajardinado na área central, para o qual se volta a entrada principal da casa. O acesso da rua a este pátio faz-se por dois portões em ferro forjado, inseridos no muro de vedação frontal. O portão junto à estrema da propriedade abre para o percurso de acesso de veículos à garagem, que constituiu um corpo autónomo, na área posterior do terreno. O portão mais junto à casa corresponde ao acesso principal.

A poente da casa existe um jardim, atualmente a necessitar de ser recuperado, onde se nota ainda o desenho dos canteiros, das sebes de buxo, dos percursos criados e a imposição de simetrias na disposição de árvores e arbustos. Um lago ao centro dita em boa parte a geometria do conjunto.

Uma considerável área de terreno, a sul da casa, é ocupada com pomar e horta, onde se localizam anexos e garagem, cujo critério de implantação denota preocupação de valorização e estruturação dos espaços livres.



Muro de vedação voltado à Rua do Godinho e mirante



Fachada voltada à Rua do Godinho

O EDIFÍCIO PRINCIPAL

No edifício é notória a compartimentação horizontal, isto é, uma diferenciação dos pisos. Na fachada voltada ao arruamento, essa compartimentação faz-se com o embasamento rusticado, alinhado com a altura dos muros que ladeiam o corpo da casa. O piso nobre aparece sobreposto a esse rusticado, sendo muito elevado. A fachada frontal é rematada superiormente por uma platibanda com balaústres e um frontão central, curvo, de desenho elegante. A platibanda é precedida de uma cornija que se prolonga pelas duas fachadas laterais, estendendo-se, também, à fachada de tardoz. Nestas três fachadas, a platibanda serve de suporte ao beiral em telhão.

A casa tem, aproximadamente, vinte e cinco metros e meio, de comprimento, por treze metros de largura. A este corpo da casa é acrescentado, na zona posterior, um duplo alpendre com estrutura em ferro fundido, constituída por quatro pilares que suportam vigas transversais e

longitudinais. Este alpendre tem cerca de 3,00 metros de profundidade, desenvolve-se a toda a largura da fachada de tardoz, projetando-se para cada um dos lados cerca de 1,50 metros. Acolhe ao nível do piso nobre da casa uma espaçosa varanda coberta, servida por duas escadas exteriores em granito em cada um dos topos, simétricas, adossadas às fachadas laterais recíprocas da casa e assim projetadas no sentido da zona frontal. O prolongamento da varanda coberta para norte, na fachada poente da casa, implicou o "arrastamento" da escada poente, que ficou em situação mais "avançada" relativamente à escada nascente. Ambas as escadas têm os respetivos vãos encerrados, constituindo arrumos. No caso da escada poente, esse encerramento prolonga-se sob o espaço da área de varanda a ela contígua.

O alpendre duplo, aposto à fachada posterior da casa, tem como modelo a "*varanda colonial*" componente de muitas *casas de brasileiro*.

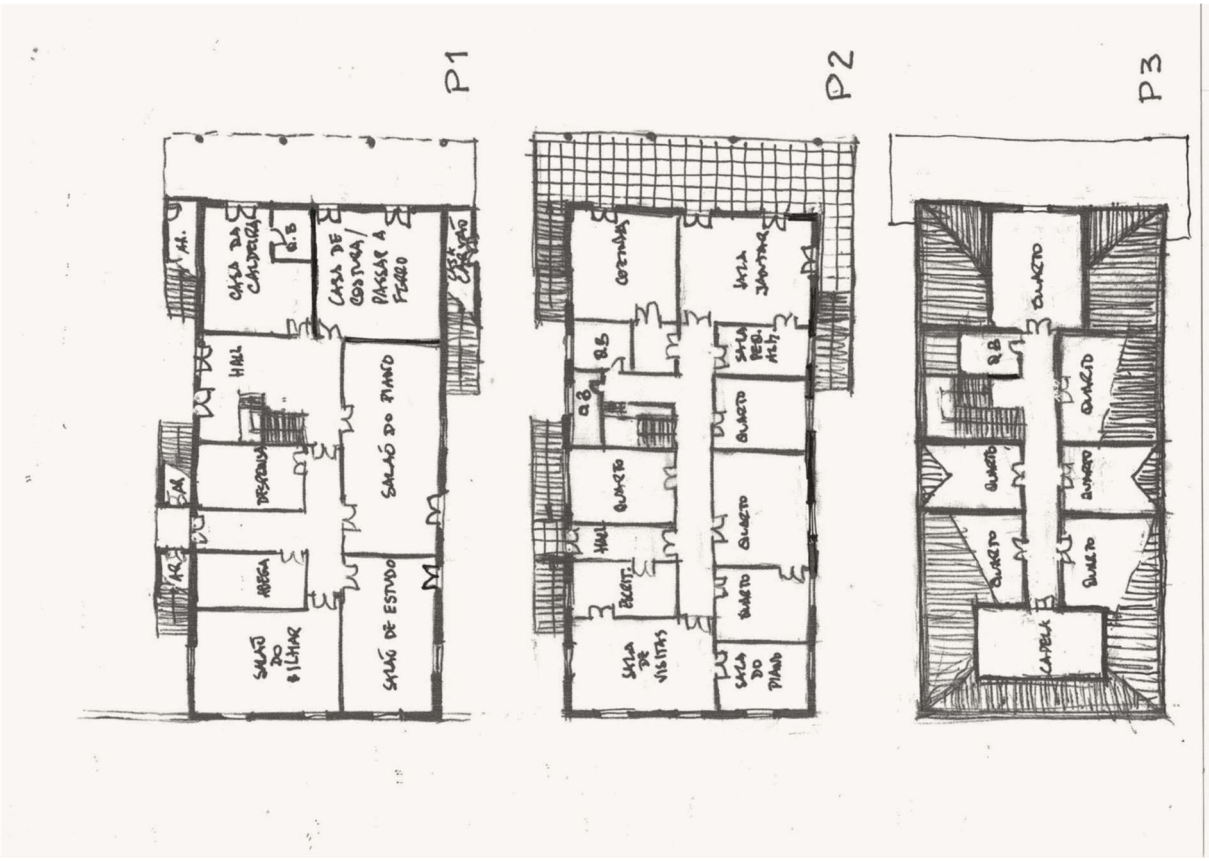
A entrada principal processa-se na área nascente da casa, por uma escadaria de lanços retos, simétricos e opostos, adossados à fachada lateral, que conduzem a um patamar central, para o qual se abre a porta de acesso ao interior do piso nobre da casa.

A cobertura tem uma base em telhado de quatro águas, na qual se inscreve um corpo transversal, que a divide em duas partes, conformando duas mansardas que encimam cada uma das fachadas laterais. Uma terceira mansarda encima a fachada posterior. As três mansardas têm a face frontal alinhada com o plano das fachadas respetivas formando sótãos-mirante, não obstante a continuidade das superfícies ser interrompida pela linha contínua das cornijas e dos beirais em telhão.

Todas as caixilharias da casa foram executadas em madeira pintada, sendo as portas e janelas com funcionamento de abrir em duas folhas. As portas e janelas do piso nobre e das mansardas, são dotadas de bandeira. As portas e janelas do piso inferior não possuem bandeira, adaptando-se a um pé-direito mais reduzido. Todas as portas e janelas são envidraçadas, excluindo as portas que servem os arrumos sob os vãos das escadas exteriores. As portas e janelas envidraçadas - com exceção da porta da entrada principal e das janelas de cave do piso inferior, que são protegidas por gradeamento em ferro forjado, - possuem portadas interiores em madeira. Contudo, presumivelmente, por razões de gestão térmica, as janelas da fachada voltada a sul, do piso nobre, têm também portadas suplementares exteriores, em jeito de venezianas. Esta solução é também adotada na mansarda que encima a fachada posterior.

Sendo o desenho de todas as janelas do piso nobre idêntico, com as guarnições em cantaria de granito, a altura dos respetivos vãos varia. Assim, na fachada voltada ao arruamento, as três janelas que dela fazem parte, assim como as janelas da fachada norte, têm parapeitos com ferro

forjado na parte superior, com uma barra em madeira como peitoril. As janelas da fachada sul têm peitoril simples.



Esquiço dos pisos da casa, gentilmente cedidos pelo Sr. Arquiteto Pedro Guimarães.

Os três pisos que constituem a casa são ligados por uma escada interior junto à fachada nascente, à qual se acede pelo átrio de entrada no piso 1, com duas portas localizadas logo após a escadaria exterior de acesso à entrada principal da casa.

O PISO 1, que se apresenta para o arruamento como um embasamento do edifício, com tratamento de fachada em cantaria de granito até à altura das janelas do piso nobre da casa. Este piso, embora tenha para o espaço público a configuração de uma cave elevada, engrandecendo o piso nobre da casa, encontra-se à cota do passeio e dos espaços livres da propriedade. Este piso compreende compartimentos de serviço da habitação – casa da caldeira (que integra um banho), sala de costura e de brunir, adega e despensa – e compartimentos específicos da habitação tais como, um salão de bilhar, um salão de estudo e um salão de piano.

O PISO 2, constitui o piso nobre da habitação. O átrio da entrada principal dá acesso direto a um escritório e a um corredor central. Voltadas ao arruamento, a sala de visitas e a sala do piano, ligadas entre si, tendo a primeira também ligação direta ao escritório. Na sua zona média este piso tem quatro quartos. A escada interior de ligação dos três pisos da casa e respetivo átrio

(que dá acesso a dois banhos) separam a zona posterior da casa onde se localizam a sala de jantar, que se liga a uma sala de pequenos almoços, e a cozinha. Estes compartimentos são servidos por portas que abrem para a varanda na zona posterior da casa.

O PISO 3 é um piso assotado, que compreende seis quartos e um banho na zona de chegada da escada interior e uma capela na área frontal da casa. Os compartimentos deste piso são iluminados e ventilados por janelas de telhado e pelas três mansardas existentes na cobertura da casa.

4.4. A CASA DO *BRASILEIRO* JOÃO DE SOUZA MACIEL

João de Souza Maciel foi um emigrante de torna-viagem, regressado do Brasil. Conheceu o designado primeiro Ciclo da Borracha (período da história brasileira, entre os anos de 1879 e 1912, no qual a extração e comercialização de látex para produção da borracha foram atividades protagonistas da economia do Brasil). Documentos atestam que, em abril de 1892, João de Souza Maciel se transferiu do Rio de Janeiro para Manaus, juntamente com Domingos de Sousa Cardia (3).

A emigração de portugueses para o Brasil, que se iniciara no século XVII, em especial a partir do Noroeste do Portugal Continental, sofreu no século XIX um crescimento exponencial, fenómeno que se estendeu ao longo da primeira metade do século XX, e que se inscreve no ciclo de emigração de massas pelo qual passou a Europa. Uma grande percentagem dos emigrantes portugueses para o Brasil retornava. Se muitos não prosperaram, alguns angariaram fortuna à qual acrescentaram, muitas das vezes, prestígio social. A estes últimos se deu o epíteto de *brasileiro*.

No regresso, edificaram para sua residência casas de grande sentido arquitetónico que passaram a denominar-se de Casas de Brasileiro. Estas casas abrangem um extenso intervalo de tempo que engloba o século XIX (em especial a segunda metade deste século) e o primeiro quartel do século XX. Também por este facto, os imóveis assim denominados apresentam grandes discrepâncias de linguagem, não existindo um modelo específico de Casa de Brasileiro. São exemplares relevantes da nossa cultura arquitetónica, nos quais é visível a influência de modelos arquitetónicos europeus.

4.5. A CASA DO INDUSTRIAL JOSÉ DA SILVA TORRES

José da Silva Torres nasceu em Vermoim, na Maia, em 30 de agosto de 1893, sendo originário de uma família dedicada à atividade agrícola, com propriedades de dimensão considerável para

a região, não só na Maia, mas também em Beiriz (Póvoa de Varzim) e em Rendufe (Amares), sendo ele mesmo um empresário agrícola.

Fundou a Fábrica de Conservas Sagrada Família em 1932, em Espinho, que transferiu depois para Matosinhos, em 1935. Construiu um edifício fabril para desenvolver a atividade conserveira, num quarteirão resultante do plano de expansão de Matosinhos Sul, com frente para a Rua Guerra Junqueiro (hoje, Rua de Brito Capelo) e para a Rua de Alves da Veiga (hoje, Rua de Roberto Ivens). Para licenciamento desse edifício instruiu junto da Câmara Municipal de Matosinhos o processo n.º 152/1939, em nome de José da Silva Torres – Firma Sagrada Família. Esse edifício foi projetado pelo Arquiteto Luís Amoroso Lopes.

A firma era designada por "Empresa de Pesca e Conservas Sagrada Família", com um total de 300 trabalhadores, a qual, para além da produção de conservas na fábrica, dedicava-se à pesca, em especial da sardinha, com recurso a frota própria composta por duas traineiras ("Santa Cruz e "Bom Jesus") e pela motora "Senhora da Caridade".

José da Silva Torres teve a sua primeira habitação em Matosinhos, na zona poente da Rua do Godinho. O crescimento da família - José da Silva Torres teve 10 filhos - levou-o a adquirir, em 1941, o palacete que fora mandado construir por João de Souza Maciel quase quarenta anos antes.

José da Silva Torres foi um dos mais relevantes empresários da indústria conserveira de Matosinhos. A sua "Empresa de Pesca e Conservas Sagrada Família", registou várias marcas de conservas, as quais, para além de abastecer o mercado interno, foram matéria de exportação para a Alemanha, Inglaterra, França, Dinamarca, Bélgica e para as colónias portuguesas da época. A Fábrica de Conservas Sagrada Família encerrou em 30 de setembro de 1971.

José da Silva Torres faleceu em Matosinhos, em 18 de outubro de 1982.

4.6. SOBRE O ARQUITETO JOSÉ TEIXEIRA LOPES

Este arquiteto era irmão do escultor António Teixeira Lopes (1866-1942) e filho do escultor e ceramista José Joaquim Teixeira Lopes, Pai (1837-1918). É, deste último, a autoria da estátua de Passos Manuel atualmente localizada numa rotunda da Avenida da República, em Matosinhos.

O Arquiteto José Teixeira Lopes foi autor do projeto do edifício do Instituto Moderno na Quinta da Bela -Vista, em S. Roque da Lameira, no Porto (construção iniciada em 1912); da Sede do Banco de Portugal, na Praça da Liberdade, no Porto, elaborado em parceria com Ventura Terra

(1918); da Casa-Museu Teixeira Lopes, que foi residência deste (1895), em Vila Nova de Gaia; do Palacete Neomanuelino, (conhecido por "Casa do Relógio"), localizado na Avenida do Brasil e Rua de Gondarém, na Foz do Douro, Porto (1910-1911); das instalações da Ourivesaria Reis Filhos, Lda., na esquina das ruas de Santa Catarina e 31 de Janeiro, no Porto (1905), entre muitas outras obras.

Foi contemporâneo de Ventura Terra, Adães Bermudes, Marques da Silva e Raul Lino, tendo partilhado com estes arquitetos relevantes o universo da produção arquitetónica portuguesa da época, de feição académica, com fundamentação de natureza historicista e eclética, mas de grande qualidade de conceção.

4.7. O IMÓVEL COMO MONUMENTO

Ao designarmos o imóvel a classificar por "*Casa João de Souza Maciel – Casa José da Silva Torres*", com o nome dos seus dois proprietários fundacionais, parece-nos por demais ajustada esta evocação porque, se a casa a eles pertenceu, poderemos também dizer que eles pertenceram à casa. O palacete constituiu uma referência para a identidade de Matosinhos, com um papel insubstituível na construção da imagem da Rua do Godinho como eixo estruturante do traçado urbano. A Rua do Godinho, tendo o Palacete do Godinho como término, a nascente, e o Padrão do Bom Jesus de Matosinhos - para o qual foi direcionada – como remate, a poente, possui no seu percurso este palacete que faz parte do próprio desenho da rua.

O palacete assinala também, com o jardim e com o mirante, a importância da Rua do Conde de Alto Mearim como estrada para norte que se dirigia, à época, à Ponte de Pedra (Ponte dos 19 Arcos) e limite que foi da ocupação urbana inicial do aglomerado.

O interesse arquitetónico do palacete passa também pela relevância dos intervenientes na sua conceção: O Arquiteto José Teixeira Lopes, autor do projeto inicial; o Engenheiro e Condutor de obras públicas, Licínio Guimarães, que foi autor do plano que ditou a expansão urbana de Matosinhos para Sul; o Arquiteto Luís Amoroso Lopes, um nome incontornável da arquitetura moderna portuguesa.

O palacete representa para Matosinhos duas realidades sociais. A primeira, protagonizada pela pessoa que o mandou construir, em 1902, um emigrante de torna-viagem do Brasil, que fixou residência em Matosinhos, à semelhança de outros em igual circunstância à época. A casa revela uma linguagem arquitetónica e soluções espaciais semelhantes a outras "*Casas de Brasileiro*" que encontramos nesta região. A segunda, e que nos parece mais relevante do ponto de vista histórico, o facto de, a partir de 1941, ter sido residência de um dos mais importantes industriais

de Matosinhos – José da Silva Torres – criador da "Empresa de Pesca e Conservas Sagrada Família", com grande destaque na indústria conserveira. Este industrial marcou profundamente a economia não só de Matosinhos e da região, mas também, no que à indústria conserveira diz respeito, do País. Esta segunda circunstância justifica a classificação do imóvel como testemunho da história de Matosinhos do século XX, marcada profundamente pelo porto de Leixões, pela pesca e pela indústria conserveira.

NOTAS:

(1) Licínio Guimarães foi engenheiro e condutor de obras públicas, autor do primeiro plano de urbanização para Matosinhos Sul, no ano de 1866.

(2) Com base nos elementos que nos foram fornecidos pelo Sr. Arq.º Pedro Guimarães, membro da família proprietária, e após deslocação ao local, que permitiu observar a casa pelo exterior e toda a área de jardins e de horta que a envolvem, pudemos comparar o projeto de José Teixeira Lopes com a obra realizada.

(3) Conforme referência no livro de António de Jesus Gomes, Viver em Matosinhos. 1850 – 1910, pág. 492.

26 de agosto de 2026
António Maia.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I – BIBLIOGRAFIA:

TATO, Josué Gomes Fernandes. – *Memória da Indústria Conserveira. Matosinhos, Leça da Palmeira e Perafita, 1899 – 2007*. Maio 2008, Matosinhos: Edição Câmara Municipal de Matosinhos & Napesmat, 2008. ISBN 978-972-9143-55-7.

GOMES, António de Jesus. - *Viver em Matosinhos. 1850 – 1910*. Maio 2010, Matosinhos: Edição ANCIMA – Associação para a Animação da Cidade de Matosinhos e Câmara Municipal de Matosinhos, 2010. ISBN 978-972-9143-71-7.

COUTINHO, António Pereira; COUTINHO, João Pereira. – Matosinhos, Monografia do Concelho – Volume 9, Biografias. Setembro de 2000, Matosinhos: Edição da Câmara Municipal de Matosinhos.

LOUREIRO, José Carlos; PEIXOTO, Paula Torres; SANTOS, Patrícia Mota. – *Conhecer para Preservar. Casas de Brasileiro (Norte e Centro de Portugal)*. 1.ª Edição. Janeiro 2017, Porto: Edições Afrontamento, Lda., 2017. ISBN 978-972-36-1519-7.

II - FONTES DIVERSAS:

Consultas na Divisão de Bibliotecas e Arquivo da Câmara Municipal de Matosinhos: Processo n.º 23/1902, em nome de João de Souza Maciel.

Conservas de Portugal, Museu Digital da Indústria Conserveira: Artigo José da Silva Torres - Revista Internacional nº6 - ano 1938

Documentação e informações fornecidas, por gentileza do Sr. Arq. Pedro Guimarães, membro da família proprietária e neto de José da Silva Torres.

26 de agosto 2026.

Pela Comissão do Património Arquitetónico e Histórico:

António Maia, José Manuel Varela, Maria João Rodrigues.